

SUMÁRIO



<i>Prefácio à edição brasileira</i>	15
<i>Introdução</i>	17

PARTE I

ABERTURA À POSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DE ALGO MAIS ALÉM

1. A fronteira que nos espera a seguir	27
2. Cruzando fronteiras interiores e exteriores	41

PARTE II

EMBRENHAR-SE PELOS CAMINHOS DO ALGO MAIS ALÉM:

Os Quatro Estágios da Jornada no Pós-Morte

3. Estágio I : Da espera	65
4. Estágio II: Do julgamento	90
5. Estágio III: Das possibilidades	118
6. Estágio IV: Do retorno	139
7. Conclusão: Sobre a esperança	168

APÊNDICES

Apêndice A Inventário do pós-morte	175
Apêndice B Pesquisadores seniores: Institute for the Study of the Afterdeath	193
Apêndice C Institute for the Study of the Afterdeath	205
Apêndice D Leitura Recomendada	207
<i>Notas</i>	209
<i>Bibliografia</i>	212

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA



Participei intensamente de todas as fases que antecederam a conclusão deste livro. O ponto de partida foi a inevitável constatação da imensa dor e o abalo que uma morte causa em nossa vida. Essa constatação acentuava-se ainda mais, tanto do lado da dra. Sukie Miller quanto do meu próprio, pois ambos trabalhávamos com pacientes acometidos por doenças crônicas e pacientes em estado terminal.

Fazíamos um trabalho psicoterapêutico similar em hemisférios opostos do planeta, sem nos conhecermos. Até que um caríssimo amigo em comum nos colocou em contato, atendendo aos anseios iniciais de investigar o pós-morte, que a esta altura instigava a autora deste livro.

Sabíamos que um dos fatores que mais atormentava as pessoas em relação à morte era o desconhecido, a sensação escura daquilo que inevitavelmente virá, mas de que não se sabe a respeito. Desde o nosso primeiro encontro, iniciou-se uma incrível jornada em busca de algum conhecimento implícito ou explícito, material ou espiritual, individual ou cultural sobre aquilo que fosse conhecido, ensinado e/ou experienciado a respeito do que acontece após o encerramento da vida.

Então partimos na nossa jornada para investigar a morte e o pós-morte. Foram alguns anos de buscas e experiências e, ao longo desse período, obviamente, nossas vidas seguiram os seus cursos. Quando este livro já estava em suas etapas finais, um dia, conversando Sukie e eu, começamos a nos aperceber de todo o percurso desta jornada e da enorme influência que teve em nossas vidas, e o quanto haviam sido transformadas nossas perspectivas e crenças, todas as mudanças e reajustes que haviam ocorrido, e a somatória de tudo isto tinha nos agraciado com uma existência mais plena e verdadeira.

Iniciamos uma busca olhando para o incomensurável vazio com que a morte aparentemente nos ameaça. Ao longo deste trajeto fomos encontrando coisas, experienciando outras e vivendo todas as pequenas mortes em vida que ocorrem naturalmente ao longo de qualquer existência. Ao

final desta procura, constatamos uma espetacular transmutação nas nossas próprias vidas. Ou seja, saímos para investigar o pós-morte e encontramos, para nossas existências individuais, mais vida.

Edmundo Barbosa

Diretor do Revida

Centro de Apoio ao Paciente de Câncer
e do Instituto Iniciativa Gaia,
movimento pela expansão da consciência
e do conhecimento humano.

INTRODUÇÃO



“Os homens temem a morte tanto quanto as crianças temem o escuro”, escrevia o filósofo Frances Bacon, em 1625. A morte e o terror sempre andaram de mãos dadas — o que constitui uma boa razão para as pessoas darem continuidade à sua vida cotidiana sem lançar um olhar de contemplação para o fim inevitável. Em 1676, poucos anos depois de Bacon nos legar sua frase, o poeta John Dryden ofereceu-nos uma explicação lírica quanto à nossa fuga em relação a essa questão: “A morte, em si, não é nada”, escreveu ele, “mas o que nos causa medo é o fato deirmos a ser não se sabe o quê, em um lugar que nos é desconhecido”.

Por séculos, a morte atraiu a atenção tanto de filósofos como de poetas; dentre nós, os menos reflexivos e letrados sempre lhe voltaram as costas, de maneira a não deixar dúvidas. Por que analisar um mistério que tão pouco nos tem a dar? Por que perder tempo fazendo indagações que não oferecem respostas? Assim se procedeu durante anos e anos: os que se dedicaram às letras, à religião e às questões espirituais contemplaram a morte — e seu significado — como uma realidade maior; mas os que se preocuparam com ocupar um lugar no dia-a-dia demonstraram grande resistência quanto ao fato de voltarem seu olhar, seu imaginário e seus questionamentos a essa questão. Perto demais a temida escuridão; enervante demais o pensamento de que não seriam apenas nossos corpos, mas nossas próprias personalidades, nosso eu, os que deveriam desaparecer no nada, quando do instante decisivo. Melhor deixar para sempre do lado de fora a escuridão, mantendo para isso bem trancada a porta que nos separa da morte.

Mas algo aconteceu, no início da década de 1970, começo do fim da era da negação. Em 1969 a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross levantou a questão: “O que acontece conosco *no momento* de nossa morte? Partindo de uma série de entrevistas detalhadas, que realizou com pacientes terminais, essa médica foi em busca de uma resposta a essa questão; publicou suas conclusões na obra *On Death and Dying* — primeiro livro

escrito com o objetivo de fazer com que tanto leigos quanto profissionais pudessem refletir, de maneira lúcida, sobre o processo da morte. O trabalho de Kubler-Ross mostrou-se frutífero, e quase sem precedentes: ele nos permite verificar que o processo da morte apresenta um padrão; e este converteu-se num dos grandes princípios organizadores da compreensão mais profunda que a partir de então se pode alcançar em relação ao tema. Ainda mais significativa que a nova visão que nos possibilitou, essa psiquiatra nos deu ainda uma contribuição ainda maior: abriu-nos a porta, acendeu a luz e deixou que o ar fresco da manhã irrompesse sobre todos os aspectos de uma realidade todavia inexplorada. Ao fazê-lo — e ao colocar por escrito as suas conclusões — deu origem ao que viria a tornar-se uma profícua literatura sobre a morte e o morrer.

Um segundo pioneiro nesse campo escuro e inexplorado deu o passo seguinte ao descrever os umbrais das vivências relativas ao *pós-morte*. O dr. Raymond Moody documentou o relato de experiências de quase-morte vividas por indivíduos cuja soma representa quinze por cento da população americana — indivíduos que de fato morreram e, pelos mais variados motivos, retornaram à vida. Enquanto Kubler-Ross ateve-se à descrição do processo que leva à morte, Moody centrou-se no que os indivíduos vivenciam no instante em que, na realidade, cruzam essa fronteira. Tal como a primeira, este último pesquisador nos ofereceu uma maneira de ver, entender e falar sobre experiências que, até então, haviam sido confinadas ao domínio das palavras sem eco e daquilo que não se pode definir. Por serem dotados de clareza de visão; por terem registrado o que viram e ouviram; e por terem partido, em seguida, em busca das similitudes que pudessem existir entre esses relatos, capazes de conduzi-los a uma visão de conjunto, esses dois pesquisadores criaram uma linguagem que permitiu que nos apercebêssemos do que, até então, não nos era possível observar. Enquanto Elisabeth Kubler-Ross indagava: “O que acontece conosco *no momento* de nossa morte?”, Raymond Moody se perguntava: “O que acontece conosco *quando* morremos?”.

O ano de 1994 nos presenteou com numerosas variantes do jogo de esconde-esconde com a morte. “Escrevi este livro para com ele desmitificar o processo da morte”, escreveu Sherwin B. Nuland em sua obra *How We Die*.¹ “Somente por meio de uma franca discussão sobre os verdadeiros detalhes que se encerram nesse processo, poderemos lidar com aqueles de seus aspectos que mais nos atemorizam.” A questão colocada por Nuland foi: “O que acontece *fisicamente* conosco quando morremos? Somente conhecendo a verdade e nos preparando para ela poderemos escapar ao medo que guardamos em relação ao reino incógnito da morte,

medo que nos leva a uma visão de decepção e desilusão quanto a nós mesmos”.

Depois da Vida é um livro que busca estabelecer um traço de união entre a cada vez mais numerosa e crescente literatura que tenta enxergar mais de perto a questão da morte e do pós-morte — e o que estes dois fatores significam para nossas vidas. Ao fazer isso, o livro percorre sua trajetória, apontando a próxima dúvida a ser levantada, depois daquelas já feitas por Kubler-Ross e Nuland: “O que acontece conosco *depois* que morremos?”.

Durante toda a vida tenho me agarrado a esta questão: “O que acontece depois?”. Meu pai, cirurgião geral, dedicou-se ao tratamento de numerosos pacientes portadores de câncer no início da década de 1950: antes, portanto, do advento dos tratamentos por radiação e quimioterapia. Toda noite, à mesa do jantar, embora eu não fosse mais do que uma menina, permitia que discutíssemos seus casos. “A sra. Cohn está se reestabelecendo bem da cirurgia que sofreu”, ele me relatava; e eu, vibrando de emoção pela confiança que papai demonstrava em mim, balançava a cabeça, tentando parecer entendida. Ou então ele me dizia que “o sr. Cantor se foi”. “Mas para onde?”, perguntava eu. “Ele vive agora em um outro lugar”, respondia meu pai. Numa dessas noites informou-me que o sr. Nelson, um paciente sobre o qual já havíamos falado anteriormente, também havia partido para um outro lugar. Entendi — ou achei que havia entendido.

“Em um outro lugar”: expressão ligada a algo estranho e, paradoxalmente, conhecido. Quase tudo que aparecia em minha vida encontrava-se situado em algum outro lugar. As crianças que morriam de fome na Europa estavam em um outro lugar. Em outro lugar havia guerra. Minha melhor amiga, Madeline Keschen, que passou para o terceiro ano, foi para outro lugar. Minha imaginação não carecia de amplitude para me permitir conceber que os que morriam também se dirigiam a um outro lugar. Tanto quanto me era possível perceber, o fato de as pessoas irem para outro lugar não parecia implicar que houvesse qualquer forma de interrupção de suas existências. Os irmãos de meu pai, que nos visitavam freqüentemente, com certeza mantinham a rica plenitude de sua vida no estado do Maine; nossos hóspedes costumeiros retornavam à nossa casa, de tempos em tempos; e as crianças da Europa que morriam de fome na verdade puderam crescer enquanto a guerra prosseguia.

Tendo sido criada muito próxima à fronteira que separa o plano da vida daquele do pós-morte, nunca me levaram a tapar os olhos, olhar

para longe ou fugir às questões relativas ao que acontece conosco depois de nossa morte ou para onde vamos quando aqui já não mais nos encontramos. Entre as muitas coisas que meu pai me ofertou — e guardo comigo por toda a vida — não havia apenas as respostas àquelas questões ou quadros que retratassem esses destinos sombrios; mas, sim, uma inesgotável curiosidade e um sentimento de segurança a respeito do fenômeno que ele denominava como “um outro lugar”.

Décadas após as discussões que meu pai mantinha comigo à mesa do jantar, já como psicoterapeuta no domínio de uma prática profissional intensamente agendada e de um interesse permanentemente voltado às indagações e questões que moldam nossa realidade psicológica, tive oportunidade de mais uma vez levar em consideração aquele “algum outro lugar” — desta vez sob uma perspectiva profissional. Tal como muitos psicoterapeutas contemporâneos, descobri que minha clientela era constituída, em grande parte, por pacientes crônicos e terminais que buscavam conforto, sentido e meios de abrandar a ansiedade causada pelas enfermidades de que sofriam. Foi então que percebi que as pessoas que estão à beira da morte, no mais das vezes não lançavam um olhar, não perguntavam, não refletiam sobre o assunto, não se punham a imaginar o que aconteceria com elas após sua morte. Eu via essas indagações, por toda parte ao meu redor — e elas ainda assim eram mantidas, em sua maioria, em silêncio.

Então comecei a indagar-me o que outras culturas, aquelas nas quais as pessoas se sentem mais à vontade em relação à idéia da morte, e mais livres para levantar esses questionamentos, teriam a nos ensinar sobre a importância de se contemplar de forma consciente o plano do pós-morte. Sabia que quase todas as culturas, no decorrer da história, têm desenvolvido um conceito relativo ao pós-morte dentro de seus sistemas de crenças. Realizando um ampla leitura sobre esse assunto, observei a ocorrência de cenários descritos em detalhes e, até mesmo, de mapas ricamente desenhados de paisagens situadas para além da vida tal como a conhecemos. Passei então a pensar qual, dentre os aspectos da psique humana, seria o responsável — e passível de reagir — em relação a esse dado. Em seguida, passei a ocupar-me quanto à existência ou não de traços comuns e temas universais, relacionados a esse ponto, que poderiam perpassar todas as culturas.

Como forma de dar início às minhas investigações quanto a esses problemas — e instigada pela morte de vários amigos próximos, parentes e muitos de meus clientes — comecei a antever um instituto de pesquisa que se dedicasse à coleta de rituais, mitos, documentos, tradições orais, formas de arte e “mapas do pós-morte” provenientes das culturas

do mundo todo. A idéia, gradualmente, foi ganhando corpo. Adquiri a formidável habilidade de dar garantias por escrito e de levantar fundos; assim, quase por acaso, uma organização — o Institute for the Study of the Afterdeath — tornou-se uma realidade, não obstante suas pequenas dimensões. Trabalhosamente, fiz com que se reunisse ali um grupo de prestigiados pesquisadores, provenientes de todas as partes do mundo, comprometidos com a idéia de se restaurarem as diversas versões existentes quanto aos domínios do pós-morte; trabalhando em conjunto, no decorrer de oito anos, coligimos dados detalhados de regiões da Ásia, Índia, Indonésia, Brasil, Estados Unidos e África Ocidental. As pessoas que vivem em contato próximo com seus mortos demonstram possuir uma concepção de mundo em que a fronteira existente entre a vida e a morte se mostra altamente permeável — e na qual, muitas vezes, essa fronteira simplesmente não existe.

A meta desse Instituto é a de coletar imagens e atitudes geradas, crenças e possibilidades disseminadas no mundo inteiro, capazes de ampliar os limites da visão que guardamos do universo e de aproximar de nosso pragmático ponto de vista ocidental, aquele outro, baseado nos fatos do pós-morte e que outras pessoas vêm vivenciando há séculos. Longe de intentar obrigar os ocidentais a adotarem para si as crenças das demais culturas estudadas, é minha intenção tão-somente trazer à ilustração outras perspectivas relacionadas ao mistério humano que a todos nos afeta. Não se trata, aqui, de fazer proselitismo; mas, sim, de apreciar os vários pontos de vista que existem correlacionados a esse campo e espalhados em várias partes do mundo.

No transcorrer de nosso trabalho de campo, meus colegas e eu tivemos a oportunidade de coletar, senão um rio, pelo menos um mar de material que versa sobre o que ocorre conosco em seguida ao momento em que deixamos a vida física. As muitas perguntas que endereçamos a nossos informantes receberam respostas detalhadas, e a diversidade das culturas nas quais nossos entrevistados se encontram inseridos nos rendeu uma surpreendente amplitude de informações.

De que forma comparamos, contrastamos e, mais importante ainda, estabelecemos um vetor de significado às múltiplas descrições que nos foram feitas do “outro lugar”, colhidas por nossos pesquisadores seniores? Como evitamos o risco de reportarmos os dados de forma simplesmente enciclopédica, tendente mais a classificá-los como em um catálogo do que a fazer com que se tornassem uma forma de inspiração e de renovada compreensão? Seguindo a linha-mestra estabelecida por Elisabeth Kubler-Ross e Raymond Moody procurei encontrar um padrão ou padrões, no meio do material de coleta recebido: questionários completos

de pesquisa (que obedeciam a vários códigos de cores) reproduções de obras de arte, longas gravações de fitas, poemas, fotografias, artigos em xerox etc. Apesar da rica variedade de diferenças que se nos apresentavam em termos de imagens e de conceitos — variedade essa que, de início, parecia ser a característica que mais se distinguia em todo esse material — na verdade logo se fizeram notar os contornos de um padrão.

Observando os sistemas de pós-morte de que dispúnhamos, descobri que muitos dentre eles — a maior parte mesmo — não se referiam a paragens estáticas mas, antes, a jornadas ativas, nas quais os espíritos dos mortos se movimentavam através de detalhadas geografias. Porém, apesar da excitação que me dominava quando refletia sobre essas viagens, o fato era que, a despeito da diversidade de suas origens culturais, essas jornadas ativas sempre se mostravam constituídas, em maior ou menor grau, por quatro bem definidos aspectos ou estágios:

Estágio I: do *espaço de espera*, onde o viajante — o que deixou esta vida — passa pela transformação de um ser físico em um ser espiritual, podendo então realizar sua viagem.

Estágio II: da *fase de julgamento*, onde a vida passada do viajante é escrutinizada, avaliada e, em decorrência disso, ele ou ela vêm determinado seu destino.

Estágio III: do *reino das possibilidades*, onde o viajante desfruta dos resultados do julgamento ou se submete a eles; ou ainda, nos sistemas onde esse julgamento tem peso relativamente pouco significativo, simplesmente passa a existir nas paragens do pós-morte.

Estágio IV: do *retorno* ou renascimento, quando o viajante retorna a esta vida sob a crisálida de um novo corpo e de uma nova identidade; ou alcança a alternativa de escapar à Roda da Vida e se juntar ao todo universal.

Esse sistema, baseado em quatro estágios, não constitui um padrão rígido ao qual todo e qualquer sistema de pós-morte deva estar submetido. Em alguns desses sistemas, por exemplo, não se observa a existência de nenhum tipo de julgamento; em outros, o julgamento é tudo. Em alguns, a reencarnação é considerada como algo contrário à razão; em outros, como fator inevitável.

Começo também a divisar algo mais nebuloso ainda, algo que tem menos a ver com os sistemas de pós-morte, em si, do que com a maneira pela qual as pessoas têm acesso a ele. Os indivíduos não precisavam sequer pensar para começar a descrever essas paragens: alguma faculdade — uma forma específica que possuíam de apreendê-las — os ligava a esses cenários e a esses conceitos. O trabalho realizado pelo eminente filósofo e erudito islâmico Henry Corbin e outros, que se inspiraram em

sua obra, ajudou-me a focalizar-me nessa capacidade que a psique humana detém, tão difícil de se definir como de se descrever. Essa função, começo a compreendê-la, nos oferece um meio para entendermos o pós-morte sem que devamos deter-nos em considerações sobre o conteúdo específico que este nos venha a trazer. A essa função psíquica dei o nome de imaginação vital.

SOBRE ESTE LIVRO

Este livro trata da questão: “O que acontece conosco *depois* que morremos?” por meio da remontagem da jornada universal do pós-morte, concebida em quatro estágios. No Capítulo 1, por meio de exemplos vivos, demonstra-se a importância desse questionamento e se oferece a motivação para que se busquem em outras culturas as respostas a ele. No Capítulo 2 fala-se sobre a força da imaginação vital: primeiramente, de maneira altamente pessoal; em seguida, à sua conclusão, de forma mais teórica. Cada um dos quatro capítulos seguintes é dedicado a um dos estágios da jornada do pós-morte, tal como esta se mostra a partir dos dados da pesquisa efetuada e das descrições que nos são oferecidas pelas culturas de todo o mundo. No Capítulo 7, dedicado à conclusão da obra, o enfoque é dado à esperança — qualidade psicológica danosamente negligenciada pela comunidade científica e vitalmente necessária para que as pessoas possam mover-se por entre as fases e desafios que tanto a vida como a morte nos apresentam.

Ao final do livro são apresentados vários apêndices. O Apêndice A foi elaborado para que o leitor pudesse melhor definir e avaliar seu próprio sistema de crenças relativas ao pós-morte. No Apêndice B são apontados e descritos os grupos que tiveram suas visões do pós-morte estudadas; são apresentados os pesquisadores seniores do Instituto encarregados da coleta dos dados oferecidos por esses grupos e aqueles que se mostram como resultado de nosso questionário padrão, composto de 180 itens. O Apêndice C descreve em linhas breves o Institute for the Study of the Afterdeath e o Apêndice D apresenta uma lista selecionada das leituras que se recomendam sobre esse tema.

Eis, portanto, uma descrição esquemática desta obra. As visões do pós-morte, porém — seu imaginário, sua atmosfera, o que insinuam em relação a algo que se situa para além de nós — não permitem que elas sejam classificadas de maneira nítida, em capítulos cuidadosamente delimitados e em separado. Foi isto o que me levou a trazer aos capítulos a referência à beleza de obras de arte, poemas e breves citações literárias,

estes últimos colocados em colunas de texto em separado. A par disso, iniciei cada um dos capítulos destinados aos quatro estágios com uma alegoria; o objetivo foi o de apresentar, por meio dessas imagens, uma versão simples do estágio de pós-morte em foco. Dessa maneira tento oferecer não apenas a mera descrição desse momento como também os produtos da imaginação vital oriundos de diversas culturas. Livro que é também um tipo de museu da imagem, *Depois da Vida* é um convite à reflexão sobre as respostas, vindas de todas as partes do planeta, que tratam deste assunto: “O que acontece conosco depois que morremos?”.

PARTE I

ABERTURA À POSSIBILIDADE DA
EXISTÊNCIA DE ALGO MAIS ALÉM

